



**X SEMINÁRIO SUL-MATO-GROSSENSE
DE PESQUISA EM EDUCAÇÃO
MATEMÁTICA**

18 E 19 de agosto de 2016

**TENSIONAMENTO DE UMA DAS DISCURSIVIDADES DA
MATEMÁTICA FINANCEIRA – POUPAR PARA CONSUMIR**

Camila Aparecida Lopes Coradetti Manoel¹

Marcio Antonio da Silva²

Resumo: O presente texto, intitulado “tensionamento de uma das discursividades da matemática financeira – Poupar para consumir”, trata de recortes iniciais de uma pesquisa de mestrado em andamento. A investigação tem como objetivo: “descrever discursos da matemática financeira nos livros didáticos de Matemática do ensino médio que contribuem para a constituição de sujeitos modernos”, tendo como objeto de pesquisa o livro didático de Matemática aprovado pelo PNLD de 2015 – Plano Nacional do Livro Didático. A investigação busca descrever alguns enunciados ali presentes, fazendo uso da Análise do Discurso Foucaultiana e também de alguns conceitos foucaultianos que possibilitam a problematização da racionalidade neoliberal como técnicas de controle na educação.

Palavras-chave: Livro didático. Matemática Financeira. Análise do Discurso.

INTRODUÇÃO

Este trabalho apresenta um recorte de análise, referente a uma pesquisa de mestrado, sendo a pesquisadora a autora do texto e sob a orientação do coautor. A pesquisa ainda em andamento, está vinculada ao Programa de Pós-Graduação em Educação Matemática da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (PPGEduMat- UFMS). E se insere em um projeto maior, desenvolvido

¹Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Educação Matemática da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, camilacarrara1@hotmail.com.

² Professor do Programa de Pós-Graduação em Educação Matemática na Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, marcio.ufms@gmail.com.

pelo Grupo de Pesquisa Currículo e Educação Matemática (GPCEM)³ intitulado “redes discursivas construídas em livros didáticos de Matemática do ensino médio”⁴.

Devido ao fato da pesquisa estar inserida em um projeto maior desenvolvido pelo GPCEM, os estudos realizados pelo grupo têm influenciado a pesquisa, sendo os mesmos mobilizados a partir das teorizações contemporâneas, de pesquisa em Educação. Esses estudos têm proporcionado, tanto para a pesquisa que esse texto se refere, quanto para o grupo, problematizar as formas de olhar o currículo de matemática do ensino médio, no que se refere à formação de alunos, construídas por processos de subjetividades.

A partir dessas concepções, buscamos tensionar os atravessamentos sobre o currículo de matemática, ou seja, nos interrogando à cada movimento tenso da investigação. Para essa tarefa, temos utilizado as contribuições contemporâneas de pesquisas em Educação, as quais têm proporcionado construir a metodologia de pesquisa, traçando uma trajetória e um caminho investigativo. Sobre essas perspectivas, Paraiso (2012) afirma que

[...] não possuem um método recomendado para realizarmos nossas investigações. Dedicamos esforços para construirmos nossas metodologias, então, porque sabemos que o modo como fazemos nossas pesquisas vai depender dos questionamentos que fazemos, das interrogações que nos movem e dos problemas que formulamos (PARAISO, 2012, p.24).

Dessa forma, pesquisa tem passado por diversos caminhos, ida e voltas, até chegar ao problema que apresentamos a seguir. Caminhos que, nas perspectivas contemporâneas de pesquisa, proporcionam proceder de tal modo a “[...] a cavar/produzir/fabricar a articulação de saberes e a bricolagem de metodologias”, pois não é necessário ter “[...] uma única teoria a subsidiar nossos trabalhos e porque não temos um método a adotar” (PARAISO, 2012, p.24). Assim, aceitamos trabalhar com o que sentimos, observamos,

³GPCEM - Grupo de Pesquisa Currículo e Educação Matemática, cadastrado no CNPq, certificado pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS) e coordenado pelo Professor Dr. Marcio Antonio da Silva, *site*: www.gpcem.com.br.

⁴ Projeto aprovado na Chamada Universal MCTI/CNPQ Nº 14/2014.

manuseamos e escutam os (*id.*), mas isso só se tornou possível por um movimentar-se como pesquisadores, um movimentar de pensamentos, de pensar de outro modo, pois estávamos sempre dispostos a:

[...] pensar de outro modo; temos de estar abertos para discordarmos do que pensávamos até pouco tempo atrás. A rigor, não podemos nos fazer seguidores fiéis de ninguém: nem de nós mesmos. Por tudo isso, o “pensar de outro modo” é um exercício difícil e arriscado (VEIGA-NETO; LOPES, 2010, p. 160).

Nos arriscamos e nos colocamos nesse exercício em cada passo desse caminho, para assim, produzir a problemática que engendra a pesquisa, e que também, movimenta esse artigo. Tal problemática consiste em investigar: “como discursos sobre matemática financeira nos livros didáticos de matemática contribuem para a constituição do sujeito?”. Para responder tal problema, definimos como objetivo geral: descrever discursos da matemática financeira nos livros didáticos de Matemática do ensino médio que contribuem para a constituição de sujeitos.

O objeto de investigação são os livros didáticos de Matemática do ensino médio aprovados pelo PNLD de 2015 – Plano Nacional do Livro Didático, onde buscaremos compreender como a matemática financeira se articula nos livros didáticos de matemática do ensino médio e, assim, podem contribuir para a constituição de sujeitos. Para isso, buscaremos problematizar as enunciações ali presentes. Entendemos por problematização o que propõe Foucault,

problematização não quer dizer representação de um objeto preexistente, nem tampouco a criação pelo discurso de um objeto que não existe. É o conjunto das práticas discursivas ou não discursivas que faz alguma coisa entrar no jogo do verdadeiro e do falso e o constitui como objeto para o pensamento (seja sob a forma da reflexão moral, do conhecimento científico, da análise política etc.) (FOUCAULT, 2014, p. 236).

Em outras palavras, problematizamos quando interrogamos o currículo de matemática para compreender como a matemática financeira se articula à constituição de uma verdade discursiva, para assim moldar indivíduos para atuar nessa sociedade neoliberal. Como contribuem para essa matemática

financeira se apresentar dessa forma e não de outra, o que está articulado na superfície desse conteúdo.

Nesse contexto, apresentamos nesse artigo apenas um dos excertos que movimentam uma das discursividades sobre a matemática financeira presente nos livros didáticos de Matemática do ensino médio. E a forma teórico metodológico de como olhamos esse excerto, apresentaremos a seguir.

TENSIONAMENTO DE ANÁLISE

Para apresentar o tensionamento de análise motivador desse trabalho, é necessário ressaltar algumas peculiaridades das contribuições foucaultianas que têm movimentado a pesquisa. Um ponto principal que motiva a pesquisa, até por estar em consonância com o projeto maior de Foucault, é o objetivo de todas suas obras, como ele esclarece:

Eu gostaria de dizer, antes de mais nada, qual foi o objetivo do meu trabalho nos últimos vinte anos. Não foi analisar o fenômeno do poder nem elaborar os fundamentos de tal análise. Meu objetivo, ao contrário, foi criar uma história dos diferentes modos pelos quais, em nossa cultura, os seres humanos tornaram-se sujeitos. (FOUCAULT, 1995, p.231)

Segundo Fischer (1999, p.44), no decorrer de toda a obra de Foucault, foi desenvolvido “[...]um olhar profundamente crítico a todas as formas de sujeição do homem, visíveis nos diferentes campos institucionais e nas inúmeras técnicas, procedimentos, estratégias, discursos e arquiteturas construídos historicamente”. Mas há algumas ressalvas sobre o olhar de Foucault, como o fato de “[...] jamais foi benevolente ou paternalista, daquele tipo que enxerga a verticalidade das relações, a grandeza moral dos oprimidos em contraposição à perversão dos poderosos”.

Assim, a pretensão é olhar as formas de sujeição do homem, através da matemática financeira presente nos livros didáticos de Matemática do ensino médio, onde se articula discursividades na superfície⁵ do conteúdo matemático,

⁵ Para Fischer (2001, p.198), analisar o discurso na perspectiva foucaultiana é necessário “recusar as explicações unívocas, as fáceis interpretações e igualmente a busca insistente do sentido último ou do sentido oculto das coisas”. Fischer (2001), assegurada por Foucault, afirma que “nada há por trás das cortinas, nem sob o chão que pisamos” (Id. Ibid) onde, sobre

para assim, contribuir para a constituição de sujeitos na modernidade. Para esse movimento, fazemos uso de algumas ferramentas construídas por Foucault (1987), a fim buscar por relações de poder que agem para a formação de sujeitos muito específicos pelo currículo de matemática financeira.

Mas, antes de mencionar as ferramentas que utilizamos, se faz necessário ressaltar algumas características sobre o pensamento foucaultiano, sobre sua forma de olhar para os enunciados e também para os discursos que são constituídos por esses enunciados. Assim, como expõem Fischer (2012), com “o convite do pensamento foucaultiano” que,

nos faz é o de imergir nesses ditos que se cristalizam e buscar descrever- tanto no interior das próprias pesquisas já feitas sobre o tema quanto numa nova proposta de estudo empírico-práticas discursivas e práticas não discursivas em jogo; o objetivo é que, tal modo, possamos fazer aparecer justamente a multiplicidade e complexidade dos fatos e das coisas ditas, que não são naturais, não estão imunes a imprevisibilidades. Expor essas multiplicidades nos permitirá descrever um pouco dos regimes de verdades de uma certa formação histórica e de determinados campos de saber (FISHER, 2012, p. 103).

Descrever os regimes de verdades para, assim, expor essa multiplicidade, esse fato estaria direcionado para a descrição dos “[...] ditos que se cristalizam [...]” (*Id. Ibid*), discursos. Compreendendo o discurso como constitutivo da realidade e produziria, como o poder, inúmeros saberes. O discurso que para Foucault (1987) consiste em:

[...] gostaria de mostrar que o discurso não é uma estreita superfície de contato, ou de confronto, entre uma realidade e uma língua, o intrincamento entre um léxico e uma experiência; gostaria de mostrar, por meio de exemplos precisos, que, analisando os próprios discursos, vemos se desfazerem os laços aparentemente tão fortes entre as palavras e as coisas, e destacar-se um conjunto de regras, próprias da prática discursiva. (...) não mais tratar os discursos como conjunto de signos (elementos significantes que remetem a conteúdos ou a representações), mas como práticas que formam sistematicamente os objetos de que falam. Certamente os discursos são feitos de signos; mas o que fazem é mais que utilizar esses signos para designar coisas. É esse mais que os torna⁶ irreduzíveis à língua e ao ato da fala. É esse “mais” que é

isso, a autora também recomenda “tentar escapar da fácil interpretação daquilo que estaria ‘por trás’” (*idid*, p. 199).

⁶ De acordo com a citação do autor.

preciso fazer aparecer e que é preciso descrever. (FOUCAULT, 1987, p. 56).

De acordo com Fischer (2003), essas “coisas” que cita Foucault apresentam regularidades intrínsecas, através das quais é possível definir uma rede conceitual que lhe é própria, e esse “mais” também citado, significa ultrapassar a simples referência e descrição, a partir do próprio discurso.

Para descrever esses discursos, iremos nos atentar que, nos livros didáticos de matemática do ensino médio, em especial na matemática financeira, é muito significativa a ideia de que “palavras” e “imagens”, soam enunciações que formam enunciados. De acordo com Foucault (1987, p. 99), o enunciado “é uma função de existência que pertence, exclusivamente, aos signos, e a partir da qual se pode decidir, em seguida, pela análise ou pela intuição, se eles ‘fazem sentido’ ou não, segundo que regra se sucedem ou se justapõem, de que são signos, e que espécie de ato se encontra realizado por formulação (oral ou escrita)”.

Os discursos são constituintes de verdades que se cristalizam, produzindo relações de poder e, atreladas a essas relações, inúmeros saberes. Para Foucault, as relações de poder são redes tensas que influenciam para a produção de subjetividades, e os modos de constituição dos sujeitos individuais e sociais. Sobre as relações de poder Fischer (2001, p 200), afirma que “[...] tudo está imerso em relações de poder e saber, que se implicam mutuamente, ou seja, enunciados e visibilidades, textos e instituições, falar e ver, consiste em práticas sociais por definição permanentemente presas, amarradas às relações de poder, que as supõem e as atualizam”.

Conforme aponta Larrosa (2011) esses discursos são “[...]a articulação entre saber e poder em cujos interiores se produz sujeito” (p. 52). Ao direcionar essa construção do sujeito nos livros didáticos, podemos novamente citar Larrosa (ib., p.52), ao afirmar que “as práticas educativas são consideradas como um conjunto de dispositivos orientados à produção dos sujeitos mediante a certas tecnologias de classificação e divisão tanto entre indivíduos quanto no interior dos indivíduos”.

Antes de abordar a questão do sujeito na perspectiva foucaultina se faz necessário expor como Foucault compreendia e utilizava o termo '*sujeito*'. Fischer (1999, p. 43), afirma que era “[...] no estrito sentido etimológico da

palavra. Em latim, a palavra é *sub-iéctus* ou *subjectus*, e denota aquilo ou aquele que é ‘colocado por baixo’, o mesmo que ‘súdito’”. Para Foucault, não existe um sujeito pré-estabelecido do qual decorreria as relações de poder. O sujeito do conhecimento é constituído, produzido dentro de uma conjunção de estratégias de poder. Ou seja, o sujeito é um produto das relações de poder, não seu produtor. Não há um sujeito essencial que estaria alienado por ideologias, por relações de poder que encobririam sua visão da realidade.

Na perspectiva foucaultiana pensar nessa forma pela qual o indivíduo se torna sujeito na modernidade, seria pensar em como nos tornamos sujeitos no interior das relações de poder. Em Foucault “[...] há dois significados para a palavra *sujeito*: sujeito a alguém pelo controle e dependência, e preso à sua própria identidade por uma consciência ou autoconhecimento, ambos sugerem uma forma de poder que subjuga e torna sujeito a” (FOUCAULT, 1995, p. 235). Ou seja, para Foucault essa constituição se instaura de duas formas, pelos processos de objetivação e subjetivação, porém estão dispostas de forma imbricada, uma sobre a outra, pois para Foucault o poder é estabelecido por redes de relações tensas. (LARROSA, 2011).

Observamos os processos de objetivação, como aqueles que são articulados para que os indivíduos sejam orientados - um resultado de articulações entre discursos. São os mecanismos que tendem a fazer do homem um objeto, ou seja, se referem aos processos de normalização que tendem a tornar o homem dócil politicamente e útil economicamente

Os processos de subjetivação se referem aos processos que em nossa sociedade fazem do homem um sujeito preso a uma identidade que lhe é atribuída como sua. Segundo Larrosa (*id.*, p. 53), “[...] na perspectiva de Foucault, a questão do ‘governo’ está já desde o princípio fortemente relacionada com a questão do ‘autogoverno’”, evidenciando claramente relacionada com o tema da ‘subjetividade’”.

Acreditamos que essa discussão sobre as formas como Foucault se interroga nos processos de constituição de sujeitos é vasta e de grande contribuição para pesquisa, mas iremos parar por aqui, pois gostaríamos de mostrar um dos excertos que tensiona uma das discursividades presente nos livros didáticos de matemática do ensino médio.

POUPAR PARA CONSUMIR

Nessa problematização, buscaremos compreender como se constituem sujeitos, através do currículo de matemática, o que se desdobra para a constituição de alunos. Alunos de uma instituição escolar pública, com sinais de políticas neoliberais, que tomam a escola e o currículo de matemática como um lugar que fabrica novas subjetividades. Como Veiga-Neto (2013, p. 38) menciona 'isso é da maior importância, na medida em que ao invés de a escola ser vista como um lugar onde se ensinam e se aprendem ideologias, ela, bem mais que isso, passa a ser entendida como uma instituição encarregada de fabricar novas subjetividades' - isto porque

[...] no sistema neoliberal a liberdade deve ser continuamente produzida e exercitada sob a forma de competição. Eis aí o ponto que irá fazer da escola uma instituição do maior interesse para o neoliberalismo. Na medida em que, para o neoliberalismo, os processos econômicos não são naturais, eles não devem ser deixados livres, ao acaso (VEIGA-NETO, 2013, p. 38).

Uma escola e um currículo de matemática, idealizados para fabricar sujeitos que podem ser governáveis, produzidos em uma racionalidade neoliberal. O currículo de matemática que entra no jogo dos processos econômicos, das táticas de governos neoliberais, para assim, regular, dirigir e controlar alunos. O currículo de matemática se torna uma engrenagem que desconsidera o que acreditamos como algo de grande importância para a educação, considerando apenas um currículo planejado 'meticulosamente pensando na formação unívoca. Pouco dos conhecimentos e experiências prévias dos participantes é levado em conta no processo. Os temas abordados são incontestáveis, ignorando as perspectivas e motivações trazidas pelos estudantes' (SILVA, 2014, p. 520).

Na racionalidade neoliberal, a competição impera fortemente, não somente na liberdade absoluta de mercado, mas também nos indivíduos. O estado se desvincula de algumas obrigações, retirando seu papel intervencionista e passando essa responsabilidade para os indivíduos ou grandes corporações. Dessa forma, é aceito que produzimos liberdade por estarmos presente no jogo econômico, mas na verdade, quando essa liberdade se baseia em competição ela se torna um "objeto de consumo" (VEIGA-NETO,

2013). Inseridos nesse jogo competitivo, do falso e verdadeiro, o papel da escola e do currículo de matemática, nesse contexto, a matemática financeira, busca compactuar com essas políticas neoliberais para, assim, produzir sujeitos governáveis para manter essa política de desenvolvimento econômico.

O excerto abaixo é motivador dessa discussão e também um dos que engendram a discursividade do 'Poupar para consumir'. O excerto movimentava várias enunciações presentes nos livros didáticos de matemática do ensino médio (PNLD de 2015), mas apresentaremos apenas um exemplo.

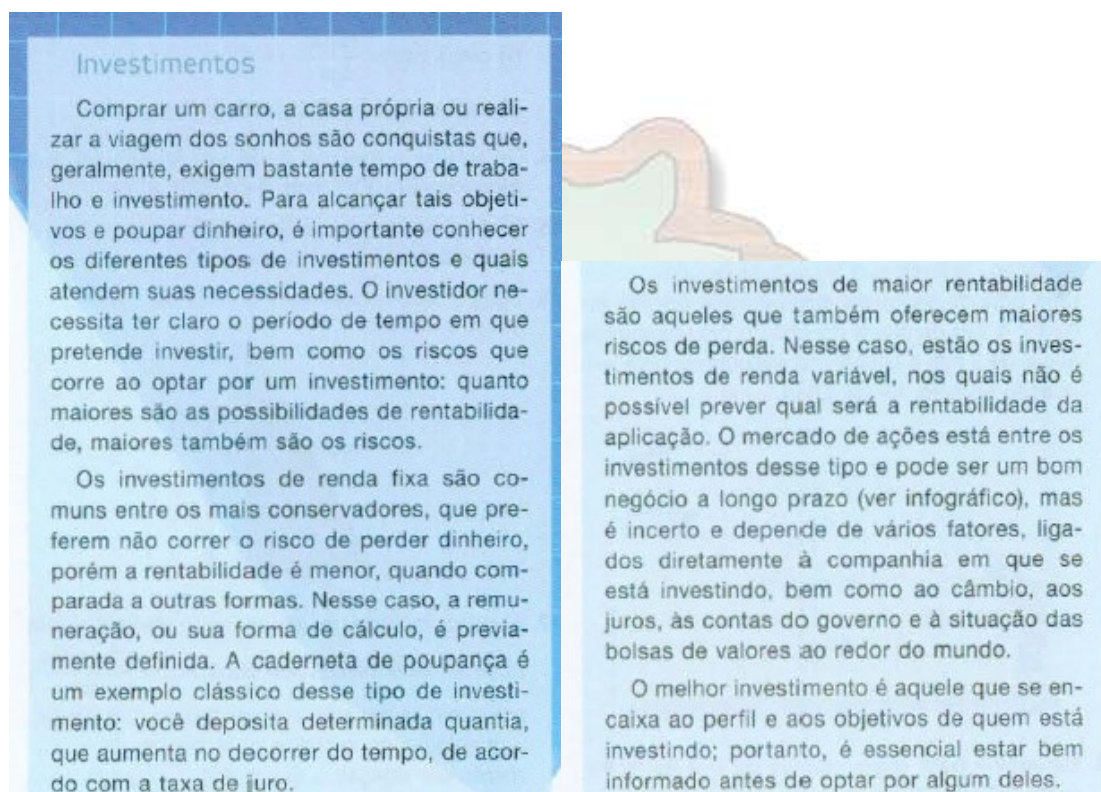


Figura 1: Poupar para consumir.
Fonte: Souza (2013, p.58, v.2)

Uma das enunciações que observamos no excerto consiste em: “para comprar um carro, a casa própria ou a realizar a viagem dos sonhos, necessita de bastante tempo de trabalho e investimento” e “o melhor investimento é aquele que se encaixa ao perfil e aos objetivos de quem está investindo”.

Observamos essas enunciações como uma possível produtora de significados, onde buscam instruir que os investimentos, trarão felicidade com as viagens, com os bens de consumo e entre outros benefícios próprios, colocando em funcionamento o enunciado de que se deve “poupa para consumir”.

Também notamos que as enunciações estão em consonância com os objetivos da sociedade moderna, que são os bens de consumo, em uma sociedade baseada no neoliberalismo, o consumo é base de sua sustentação. Com esse fluxo neoliberal as relações de consumo aceleram demasiadamente, criando uma cultura consumista nas camadas médias da sociedade, estimulando a aquisição de bens, para assim, ter uma ascensão social que a posse destes proporciona. Pois, como afirma Lazzarato (2006, apud, VEIGA NETO, 2013, p.39), “[...] o que importa é inovar, é criar novos mundos, consumir não significa mais comprar e destruir, como rezava a cartilha da economia clássica, mas pertencer a um mundo, a um novo mundo”. E, ao ter contato com livro didático de matemática, é notável a construção de meios visíveis e enunciáveis que movimentam essa racionalidade neoliberal.

Outra observação foi a produção de subjetividades direcionadas para uma possível constituição de saberes de que no neoliberalismo “[...]é necessário produzir indivíduos que saibam tomar conta de sua vida, que sejam capazes de se responsabilizarem pelo seu próprio bem-estar e pela sua produtividade” (SARAIVA, 2013, p. 170).

Observamos essas informações no livro didático, como um tensionamento de um currículo voltado para a subjetivação de alunos, com o intuito de atender aos interesses de poder em garantir aos cidadãos a capacidade de gerar seu dinheiro, investir, empreender e consumir conforme pretende o modelo neoliberal.

Também foi possível observarmos a presença de relações de poder que produzem saberes, que incentivam práticas que possibilitem a formação de um indivíduo empreendedor de si, capaz de utilizar os saberes legitimados a seu favor para busca de seus objetivos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Concluimos concordando com a concepção de BURCHEL (1996, p. 29 apud VEIGA-NETO, 1999, p. 12), para o qual essa forma de subjetivação pode “ser descrita como uma nova forma de ‘responsabilização’, que corresponde às

novas formas nas quais os governados são encorajados, livre e racionalmente, a se conduzirem a si mesmos”.

Também vale ressaltar que poderíamos apontar outros aspectos consonantes com a lógica neoliberal, nos quais se pressupõe que os sujeitos terão a capacidade de dirigir suas vidas com responsabilidade, tornarem-se empreendedores de si mesmos, porém, nesse texto, optamos por essa apresentação.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Ministério da Educação - MEC. Secretaria de Educação Básica. *Guia de livros didáticos: PNLD 2015*. Brasília: MEC/SEB, 2014.

FISCHER, Rosa Maria Bueno. *Foucault e o desejável conhecimento do sujeito*. Educação e Realidade, Porto Alegre (RS), v. 24, n.1, p. 39-59, 1999.

_____. *Foucault e análise do discurso em educação*. Cadernos de pesquisas, n. 114, p. 197–223, 2001.

_____. *Foucault revoluciona a pesquisa em educação?* PERSPECTIVA, Florianópolis, v. 21, n. 02, p. 371-389, 2003.

_____. *Trabalhar com Foucault: a arqueologia de uma paixão*. Rosa Maria Bueno Fischer. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2012.

FOUCAULT, Michel. *A Arqueologia do Saber*. Tradução Luiz Felipe Baeta Neves. 3. ed. Rio de Janeiro: Forense - Universitária, 1987.

_____. O cuidado com a verdade. In: _____. *Ditos & Escritos V: Ética, sexualidade, política*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2014, p. 234-245.

_____. O sujeito e o poder. In: DREYFUS, Hubert; RABINOW, Paul. Michel Foucault. *Uma trajetória filosófica: para além do estruturalismo e da hermenêutica*. Rio de Janeiro: Forense universitária, 1995, p. 231-249.

LARROSA, Jorge. Tecnologias do eu e educação. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (org.). *O sujeito da educação: estudos foucaultianos*. 5 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011, p. 35-86.

PARAÍSO, Marlucy Alves. Metodologias de pesquisas pós-críticas em educação e currículo: trajetórias, pressupostos, procedimentos e estratégias analíticas. In: MEYER, Dagmar Estermann; PARAÍSO, Marlucy Alves, (organizadoras). *Metodologias de pesquisas pós-críticas em educação*. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2012, p. 23-45.

SARAIVA, Karla. *Educando para viver sem riscos*. Educação. Porto Alegre, v. 36, n. 2, p. 168-179, 2013.

SILVA, Marcio Antonio da. *Currículo como currere, como complexidade, como cosmologia, como conversa e como comunidade*: contribuições teóricas pós-modernas para a reflexão sobre currículos de matemática no ensino médio. *Bolema*, Rio Claro (SP), v. 28, n. 49, p. 516-535, 2014.

VEIGA-NETO, Alfredo. *Currículo: um desvio à direita ou delírios avaliatórios*. Texto apresentado no X Colóquio sobre questões curriculares e VI colóquio Luso-brasileiro de Currículo. Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG, Belo Horizonte, 2012, p. 17. Disponível em: Disponível em: <www.fe.unicamp.br/TEMPORARIOS/veiga-neto-curriculos-delirios-avaliatorios.pdf>. Acesso em 02. Dez. 2015.

_____. *Educação e governamentalidade neoliberal: novos dispositivos, novas subjetividades*. In: Colóquio Foucault. Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 1999. Disponível em: <<http://www.lite.fe.unicamp.br/cursos/nt/ta5.13.htm>> Acesso em 22. Mar. 2016.

_____. Governamentalidade, neoliberalismo e educação. In: CASTELO BRANCO, Guilherme e VEIGA-NETO, Alfredo. (org). *Foucault: filosofia e política*. Belo Horizonte: Autêntica, 2013, p.37-52.

_____. Alfredo; LOPES, Maura Corcini. *Para pensar de outros modos a modernidade pedagógica*. ETD - Educação Temática Digital, Campinas, v.12, n.1, p.147-166, 2010.

SOUSA, Joamir Roberto de. *Novo olhar matemática*. 2. Ed. São Paulo, SP: FTD, 2013.

SILVA, Marcio Antonio da. Projeto: *redes discursivas em livros didáticos de Matemática do ensino médio*. n. Processo: 459896/2014-8. <http://buscatextual.cnpq.br/buscatextual/visualizacv.do?id=K4739808D>

GPCEM – Grupo de Pesquisa Currículo e Educação Matemática. Disponível em: <http://www.gpcem.com.br/>.